

Elke HENTSCHEL. Negation und Interrogation. Studien zur Universalität ihrer Funktion. Tübingen: Max Niemeyer Verlag 1998 (*Reihe Germanistische Linguistik* 195, ix + 250 pág., DM 112,00, ISBN 3-484-31195-9)

Alguns assuntos parecem inesgotáveis ou, ao menos, impossíveis de serem explorados de uma forma definitiva e acabada. Entre tais temas, a negação salienta-se pela profusão de estudos a ela dedicados, quase sempre deixando a impressão de que os objetivos propostos não foram satisfatoriamente atingidos. A razão para tanto está no fato de que a negação é um fenômeno complexo, que perpassa praticamente todos os níveis da análise linguística: léxico, sintaxe, semântica, pragmática. Todos apresentam manifestações da negação, fazendo com que os autores que se dedicam a tal estudo sejam forçados a optar por uma restrição drástica do escopo de sua pesquisa a apenas um desses níveis, ou pela realização de um corte através dos vários níveis a fim de investigar uma manifestação pontual da negação.

Pessoalmente, prefiro os trabalhos que seguem a segunda opção, pois tal procedimento costuma oferecer uma grande riqueza de idéias inovadoras e sugestões instigantes para novas pesquisas. Tal é o caso do livro de HENTSCHEL, que se dedica ao estudo de uma questão pontual no âmbito da negação: as perguntas negativas. Embora à primeira vista elas não pareçam oferecer qualquer particularidade, aqueles que se dedicam ao estudo da negação ou da interrogação sabem que tais perguntas comportam-se de modo diverso das perguntas afirmativas, com implicações semânticas e pragmáticas de grande importância.

Conforme já mencionei anteriormente, uma compreensão adequada dos fenômenos ligados à negação pressupõe sempre uma compreensão dos diversos níveis linguísticos nos quais se realiza. A desatenção com apenas um desses níveis, ou a falta de uma clara diferenciação entre os

mesmos durante a análise dos dados, pode levar o estudo a “becos sem saída” ou a explicações pouco convincentes para os resultados obtidos. Tal não é o caso no livro de HENTSCHEL. A autora, plenamente consciente das complexidades de seu objeto de estudo, revisa uma larga bibliografia sobre o assunto e discorre minuciosamente sobre cada aspecto (lexical, sintático, semântico e pragmático) da negação e também da interrogação, os dois eixos que se combinam nas perguntas negativas. Hentschel é didática e extremamente detalhista na apresentação de seu conceito de negação e interrogação, utilizando-se inclusive de ferramentas da filosofia e da lógica sem, no entanto, ser tolhida por seus procedimentos formais.

Os objetivos do estudo são apresentados claramente na introdução: HENTSCHEL propõe-se a investigar, primeiramente, a negação em nível lexical e sintático; em seguida, a interrogação e, finalmente, as perguntas interrogativas, através de estudos empíricos baseados em *corpora* autênticos. Como o interesse da autora está em identificar características universais desses três pontos, ela procede a uma análise comparativa das línguas alemã, servo-croata e turca. Além disso, ao investigar as perguntas negativas propriamente ditas, utiliza também exemplos de outras 50 línguas de quatro continentes, o que empresta um grande peso aos seus resultados. Infelizmente, não domino o turco ou o servo-croata e, portanto, irei restringir meus comentários aos resultados obtidos para o alemão, sem discorrer sobre os resultados das demais línguas. No entanto, as análises das duas outras línguas são tão completas quanto a do alemão e devem fornecer importantes subsídios para os seus estudiosos e todos aqueles interessados em universais lingüísticos.

Um dos trunfos de HENTSCHEL é a sua clara delimitação da *negação* frente a outros conceitos semelhantes, baseando-se em Aristóteles, que distinguia quatro “tipos de contradições”. A autora esclarece estes quatro tipos através de exemplos: o primeiro, *relação* [*Relation*], tem como exemplo o par formado por *metade* e *duplo* e é entendido como uma oposição que só existe quando se comparam dois fenômenos em sua relação mútua (p. 9). O segundo, *contrariedade* [*Kontrarietät*], fica claro quando se examina os exemplos apresentados, entre os quais *bom/mau, preto/branco*. O

terceiro, denominado *privação e hábito* [*Beraubung und Habitus*], tem como exemplo o adjetivo alemão *zahnlos* [banguela]. Apenas seres que habitualmente têm dentes são qualificados como banguelas, o que mostra que o ser em questão foi “privado” de algo que deveria possuir. O quarto tipo de contradição é a *negação* propriamente dita [*Verneinung*], e é diferenciada dos demais tipos com base nas relações entre os mesmos e seu valor de verdade, (esclarecidas em uma tabela à página 11): enquanto em sentenças contrárias ou privativas o valor de verdade é sempre “falso” para a não-existência de Sócrates, não importando qual elemento do par de opostos está sendo focado (*doentelsadio, cego/poder ver*), sentenças negativas são sempre verdadeiras nesse contexto, pois quem não existe não pode ser cego ou estar doente (p. 11).

Com base neste conceito de negação, HENTSCHEL restringe sua pesquisa a sentenças que sofreram inversão do valor de verdade da proposição e que, além disso, apresentam elementos lingüísticos que permitem identificar esta operação. O capítulo 2 traz uma revisão crítica de diversos estudos sobre a expressão lingüística da negação, enfocando pontos como *partículas de resposta negativas* [*negative Antwortpartikeln*], *pronomes indefinidos negativados* [*negierte Indefinitpronomen*], afixos, partículas e auxiliares negativos. Levanta também questões sobre as possibilidades de referência [*Bezug*] da negação, expressões de polaridade negativa e diferenças entre a negação lingüística e a negação lógica.

O estudo empírico propriamente dito inicia-se no capítulo 3, que é dedicado à negação lexical por meio de prefixos. O dicionário DUDEN – *Rechtschreibung* de 1991 forneceu a base do *corpus* considerado para a pesquisa empírica do alemão. Para o servo-croata foi utilizado um dicionário com *status* semelhante ao DUDEN. HENTSCHEL não faz a pesquisa do turco em dicionários, alegando que a língua turca apresentaria a peculiaridade de forte preferência pela negação verbal, não utilizando freqüentemente a negação lexical.

Primeiramente, com base nas categorias de Aristóteles apresentadas no capítulo 1, são diferenciados os conceitos de *ausência* e de *nega-*

ção. Desse modo, de uma lista inicial de possíveis 32 afixos coletados da literatura sobre negação (descartando ainda palavras de origem estrangeira, inclusive latinas), a autora restringe sua pesquisa a lexemas alemães que apresentam o prefixo *un-* como sendo as únicas a preencherem completa e claramente os requisitos aristotélicos de negação!

Essa surpreendente restrição do objeto de estudo é plenamente compensada pela análise minuciosa do *corpus*, tanto quantitativa como qualitativa, nas duas línguas, levando à proposição de quatro regras para a negação lexical, válidas para o alemão e o servo-croata:

1. Deverbativos são mais facilmente negativados que outras formas. [*Deverbativa sind leichter negierbar als andere Formen.*] (p. 82)
2. Formas de passiva são basicamente mais propensas à negação do que formas ativas; isto é válido principalmente para participios passivos, que quase sempre podem ser negados em nível lexical. [*Passivische Formen sind grundsätzlich negationsfreundlicher als aktive; dies gilt insbesondere für Passiv-Partizipien, die durchweg lexikalisch negiert werden können.*] (p. 85)
3. Pressuposto para a formação de negação lexical é a propriedade de gerar uma predicação. [*Voraussetzung für die lexikalische Negierbarkeit ist die Fähigkeit, eine Prädikation zu bilden.*] (p. 87)
4. A negação lexical pressupõe que o lexema positivo apresente alta probabilidade de ocorrência no mesmo contexto. [*Lexikalische Negation setzt voraus, daß das positive Lexem im selben Kontext eine hohe Vorkommens-Wahrscheinlichkeit hat.*] (p. 89)

Não há espaço aqui para discutir detalhadamente a convincente argumentação e a larga exemplificação que amparam essas regras. No entanto, esta é uma proposta que, além de levantar processos universais de formação de elementos negativados em nível lexical, aponta para a

razão por que alguns lexemas admitem tal forma de negação e outros não: a capacidade de gerar uma predicação, conseqüentemente, uma proposição, a qual terá posteriormente seu valor de verdade invertido. Elementos lexicais que encerram uma predicação em potencial também teriam a capacidade de expressar a sua própria negação.

Está feita a ponte para a negação em nível sintático, à qual é dedicado o capítulo 4. HENTSCHEL observa, ao início desse capítulo, que alguns princípios das regras apresentadas no capítulo 3 podem, em certos casos, ser aplicados também em nível sintático. Com isso:

“[...] verringert sich der scheinbar riesige Sprung vom Lexikon zur Syntax, der an dieser Stelle erfolgt, um einiges; es geht nicht um die Untersuchung von zwei völlig verschiedenen Phänomenen, die von einem gemeinsamen Nenner ‘Negation’ nur locker zusammengehalten werden, sondern es geht um Erscheinungsformen ein und desselben Grundprinzips auf verschiedenen Ebenen der Sprache.” (p. 97)¹

No tocante ao estudo empírico, HENTSCHEL adota uma estratégia diferente do capítulo anterior: propõe-se a examinar textos escritos retirados de uma seleção de revistas alemãs. As ocorrências de negação encontradas foram então entregues a dois falantes nativos de cada uma das outras duas línguas, servo-croata e turco, também fluentes em alemão, para que fossem traduzidas. Essas traduções constituíram o *corpus* utilizado para a análise comparativa das três línguas.

Como no capítulo 3, são apresentados criticamente diversos estudos sobre a negação em nível sintático, dos quais há grande abundância em alemão, principalmente enfocando as questões da *sondern-Negation*

¹ “[...] diminui o aparente salto do léxico para a sintaxe: não se trata de um estudo de dois fenômenos totalmente diversos, unidos frouxamente pela denominação comum de ‘negação’, mas sim, trata-se de formas diferentes de manifestação de um mesmo princípio básico em diferentes níveis da língua.” (As traduções dos trechos citados são de minha autoria.)

e de posicionamento da partícula *nicht* na frase. A autora apresenta importantes considerações sobre universais da colocação de elementos negadores em diversas línguas, discutindo a situação ambígua do alemão como língua SVO (sujeito–verbo–objeto) ou SOV (sujeito–objeto–verbo) e suas implicações para a colocação dos elementos negadores na frase.

HENTSCHEL procede a uma detalhada análise quantitativa e qualitativa do *corpus* em alemão, partindo de uma lista de elementos negadores, composta de *nicht*, *kein-*, *nichts*, *nie(mals)*, *niemand* e *nirgends*. Entre os resultados estatísticos, é interessante destacar a grande predominância de *nicht* (68,9%) com relação a *kein-* (19,9%) e *nichts* (8,7%) (que também pode constatar na análise de um *corpus* de língua falada, em um estudo anterior: *A negação sintaticamente explícita em diálogos falados do Português e do Alemão* – Dissertação de mestrado não publicada, São Paulo, FFLCH-USP, 1991). Cada um dos elementos é analisado individualmente, com a apresentação de exemplos ilustrativos. No caso de *nicht*, sua colocação é analisada separadamente em orações principais e subordinadas. Na análise das orações subordinadas, estudam-se os elementos que se seguem a *nicht*, desde complexos verbais até quantificadores. Na análise das orações principais, são estudadas suas relações com os elementos que ocupam o campo inicial [*Vorfeld*], além de elementos focais e quantificadores, e a diferença de uso entre *nicht-* e *kein-*.

A formulação de regras para o uso de *nicht-* e *kein-* é o tema de muitos estudos e de grande interesse para o alemão como língua estrangeira. Para definir o uso de *kein-*, HENTSCHEL parte da análise dos artigos em alemão, concluindo que eles marcam os traços de [específico] e [identificável]:

“Mit ‘identifizierbar’ ist hier gemeint, daß die Sprecherin bei diesem Artikelgebrauch unterstellt, daß der Hörer das Gemeinte entweder aufgrund seines allgemeinen Weltwissens oder anhand von

vorausgegangenen Informationen identifizieren kann. [...] Identifizierbar, nicht aber spezifisch sind [...] beispielweise Materialbezeichnungen oder Abstrakta [...]. Nicht-identifizierbar sind alle diejenigen Objekte, die bisher noch in keiner Weise in das gemeinsame univers du discours des Hörers und der Sprecherin eingeführt wurden.” (p.126)²

Baseada nas funções dos artigos em alemão, a autora apresenta duas regras para o uso de *kein-*:

1. Apenas o artigo indefinido com o significado de ‘inespecífico’ pode ligar-se à negação e aparecer como *kein-*. [*Nur der unbestimmte Artikel mit der Bedeutung ‘unspezifisch’ kann mit der Negation verschmelzen und als kein- erscheinen.*] (p. 127)
2. Elementos remáticos que ocupam o campo inicial da oração não podem ser ligados ao elemento negador *kein-*. [*Rhematische Elemente des Satzes, die im Vorfeld stehen, können nicht mit dem Negationsträger kein- verbunden werden.*] (p. 129)

Vários exemplos são analisados para demonstrar estas regras. Se a validade da proposta for realmente mantida após a realização de estudos mais específicos, essa pode ser uma alternativa simples e elegante às muitas regras para o uso de *nicht* e *kein-* encontradas na literatura sobre o assunto. Note-se que tal solução só é possível quando se engloba, além de argumentos puramente sintáticos, também considerações semânticas, textuais e discursivas. Gostaria de reiterar que soluções satisfatórias para

² “Por ‘identificável’ entende-se aqui que a falante dá a entender, por meio do uso do artigo, que o ouvinte pode identificar o elemento ao qual ela se refere com base em seu conhecimento do mundo ou em informação apresentada previamente. [...] Identificáveis mas não específicos são, por exemplo, denominações de materiais ou conceitos abstratos [p.ex.: ouro, amor] [...]. Não-identificáveis são todos os objetos que ainda não foram introduzidos no universo do discurso comum à falante e ao ouvinte.”

questões da negação só serão possíveis com uma abordagem global da comunicação. Estudos que se fixam radicalmente a apenas uma abordagem certamente estarão fadados a se confrontarem com centenas de casos omissos e exceções que permanecerão sem explicações satisfatórias.

A estrutura de tema e rema também é usada por HENTSCHEL para explicar os casos de *sondern-Negation* ou 'negação contrastiva':

"Kontrastierende Negation ist [...] als Thema-Rhema-Phänomen und nicht als eigene, negationsspezifische Erscheinung zu werten. Die Stellung des Negators zeigt dabei wie auch die Stellung einer Abtönungspartikel oder auch in vielen Fällen die Stellung des Adverbs die Grenze zwischen Thema und Rhema an." (p. 131)³

Após a análise das traduções para o servo-croata e o turco, HENTSCHEL conclui que *nicht* comporta-se como um advérbio ou um complemento adverbial [*Adverbialbestimmung*], estando sujeito às relações de tema e rema na oração, que existem independentemente da negação (p. 167). É claro que as investigações da autora não se restringem à *sondern-Negation* e ao uso de *nicht/kein-*, mas a discussão das demais considerações demandaria um espaço maior do que o desta resenha. Pesquisadores interessados na negação sintática e no seu comportamento com relação a outros elementos da sentença encontrarão idéias instigantes que merecem maiores investigações.

No capítulo 5, HENTSCHEL volta-se para a discussão do modo interrogativo. Sua primeira providência é formular uma clara definição de *interrogação* e diferenciá-la do conceito ilocutório de *pergunta*. Novamente são citados criticamente vários estudos sobre os temas *modo* e

³ "A negação contrastiva deve ser avaliada [...] como um fenômeno de tema e rema e não como uma manifestação própria e específica da negação. A colocação do negador, assim como a colocação de uma partícula modal ou ainda, em muitos casos, a colocação de um advérbio, marca a fronteira entre tema e rema."

interrogação, até chegar a uma diferenciação de três níveis de significado:

- O conteúdo proposicional ou proposição: formado pelo todo sintático dos elementos lexicais de uma frase, permanece idêntico nas três frases: *Maya vem. / Maya vem? / Maya, vem!*
- O modo: nas três sentenças acima estão representados os três modos: asserção, interrogação, imperativo.
- A ilocução: aqui, por exemplo, afirmação, pergunta e pedido.

(cf. p. 178)

Essa diferenciação é importante para que a autora desvincule as noções sintática e pragmática de interrogação. Uma sentença como *Estou lhe perguntando se você virá* pode ter o valor ilocutório de uma pergunta, mas não é considerada uma sentença no modo interrogativo, pois *lhe* faltam as marcas lexicais e sintáticas (e entonatórias) que caracterizam a interrogação em português. HENTSCHEL apresenta uma excelente analogia para ilustrar como não há necessidade de uma coincidência total entre o modo e a ilocução: um caçador tem em seu cinto um machado, uma faca e uma espingarda. Sabemos que um machado serve para cortar árvores, uma faca, para cortar carne e uma espingarda para matar animais. Mas nada impede que, por exemplo, se use a faca para gravar um coração em uma árvore, a espingarda para derrubar um coco do coqueiro e o machado para abri-lo (p. 169). Da mesma maneira, sentenças interrogativas podem ser utilizadas para muitas outras finalidades além de solicitar informação do ouvinte, como por exemplo, para fins de *trabalho da face*, ou seja, a realização de procedimentos que visam ao estabelecimento e/ou à manutenção de relações pessoais e sociais com os demais membros de uma interação, que HENTSCHEL denomina *facilocução* [*Facilokution*] (p. 181). Assim, a autora chega a uma definição de modo:

"Satzmodi sind sprachliche Markierungen auf Satzebene, die zwischen der Proposition und der Illokution vermitteln, indem sie für bestimmte

grundlegende illokutive Akte standardisierte Ausdrucksformen zur Verfügung stellen.” (p. 180)⁴

A proposição, aliada ao modo da sentença, constituiria, assim, um significado básico [*Basisbedeutung*] (ib.) sobre o qual aplicar-se-iam, na comunicação, os mecanismos de tema e rema.

HENTSCHEL discorre sobre a universalidade dos três modos de sentenças e sobre a relação entre sentenças interrogativas e condicionais (inclusive, mostrando que a lógica formal não é adequada para descrever sentenças condicionais – assim como a lógica formal, apenas, não dá conta da descrição da negação lingüística). Após uma pequena investigação das funções (pragmáticas) de sentenças no modo interrogativo (como no caso de *Was ist das für ein riesiger Kerl!*, onde a forma é a de uma interrogação e a função é de uma exclamação), a autora passa à questão das perguntas interrogativas propriamente ditas, especificamente o caso do que denomina *Vergewissungsfragen* [perguntas certificativas] (p. 205), como: *Ist das nicht Udo?* [Aquele não é o Udo?] e *W-Exklamationen* [exclamações em W-] (p. 224), como: *Was es nicht alles gibt!* [Mas o que não se vê por aí!].

No primeiro caso, *Vergewissungsfragen*, trata-se de sentenças com a forma de *Entscheidungsfragen* [perguntas afirmativo-negativas, respondidas com *sim* ou *não*] que continuam tendo o valor ilocucional de perguntas e que esperam uma resposta do interlocutor. No entanto, o uso de *nicht* nessas perguntas transmite informações adicionais: ao dizer *Ist das nicht Udo?*, o falante está praticamente certo de que aquele realmente é Udo e espera uma resposta positiva do interlocutor. Neste caso, o *nicht* não se aplica a proposição, fazendo com que muitos autores (inclusive HENTSCHEL, em um trabalho anterior, como ela mesma admite) o considerem como uma partícula modal [*Abtönungspartikel*]. No entan-

⁴ “Modos são marcações lingüísticas no nível da sentença que intermediam a proposição e a ilocução, apresentando formas de expressão padronizadas para determinados atos ilocutórios básicos.”

to, ao constatar que este tipo de perguntas negativas também ocorre em outras línguas que não possuem partículas modais na mesma concepção do alemão, a autora propõe-se a investigar o caso empiricamente.

Utilizando-se de um formulário no qual pedia aos informantes que traduzissem as frases *Guck mal, ist das nicht Udo?* e *Karl May [...] warte mal (...) hat der nicht ‘Winnetou’ geschrieben?* para suas respectivas línguas maternas, HENTSCHEL conseguiu dados de 52 línguas diferentes. As traduções estão listadas na obra, juntamente com uma excelente legenda da qual constam indicações da função sintática de alguns elementos em cada língua, fornecidas, em princípio, pelos próprios informantes. Para o português, são apresentadas as seguintes traduções:

| | | | | |
|--------------------------------|-----------|-----|----------------|-------------|
| Olha, acolá – | não | é | o | Udo? |
| <i>Guck, da drüben</i> | NEG | KOP | DEM | <i>Udo?</i> |
| Karl May [...] espera lá [...] | ele | não | escreveu | ‘Winnetou’? |
| <i>Karl May warte dort</i> | <i>er</i> | NEG | <i>schrieb</i> | ‘Winnetou’? |

(NEG = partícula negadora; KOP = cópula; DEM = demonstrativo)

Fica claro que os informantes usaram o português de Portugal, mas as traduções seriam válidas também para o português do Brasil, o que mostra que *perguntas certificativas* com negação também existem em português. O mesmo só não acontece em três línguas indígenas: Apache, Navajo e Inuktitut.

Após verificar estatisticamente que essa ocorrência em quase todas as línguas estudadas não poderia ser apenas uma coincidência, HENTSCHEL propõe uma explicação: um processo comum a todas as línguas para o uso da negação em tais perguntas. A negação não seria aqui uma partícula modal, mas uma negação real, apenas direcionada não à proposição, *mas sim ao modo da sentença* (destaque meu). De acordo

com a autora, perguntas afirmativo-negativas apresentam uma proposição como apenas possível; no caso de *Ist das Udo?* [Aquele é o Udo?], por exemplo, há uma grande possibilidade de que aquele realmente seja Udo, mas o falante não está totalmente certo disso, caso contrário, não teria perguntado. A essa pergunta acrescenta-se uma negação,

“[...] die nicht auf die Proposition, sondern auf den Satzmodus bezogen wird, also genau auf den Faktor, der die Zutreffenswahrscheinlichkeit für die Proposition vermindert. Wenn dieser Modus negiert wird, dann wird auch die durch ihn hervorgerufene beschränkte Einschränkung der Gültigkeitsbedingungen negiert. Die Funktion ließe sich vielleicht ansatzweise mit ‘ich verneine, daß dies hier vielleicht nicht gilt’ umschreiben.” (p. 222)⁵

Assim, reforça-se a probabilidade de que o falante esteja certo na sua interpretação dos fatos, mas sem, no entanto, ter o mesmo efeito de uma afirmação: ainda há uma margem de incerteza, apenas grande o bastante para permitir que o interlocutor seja chamado a confirmar a suposição do falante, o que pode servir a vários propósitos, como precaver-se contra possíveis enganos ou envolver mais fortemente o interlocutor naquilo que o falante quer comunicar (novamente, procedimentos do que HENTSCHEL denomina *facilocução*).

O segundo tipo de pergunta interrogativa examinado, as ‘exclamações em *W-*’, conta com um *corpus* mais reduzido que o anteriormente citado, devido a problemas para obtenção de dados. Desta vez, não se pediu aos informantes que traduzissem a frase alemã *Was es nicht alles gibt!*, pois, mesmo no caso de não haver uma tradução exatamente similar para esta exclamação em particular, isso não excluiria a possibilidade

⁵ “[...] que não se aplica à proposição, mas sim ao modo da oração, ou seja, exatamente ao fator que diminui a probabilidade de ocorrência da proposição. Quando esse modo é negado, então também se negam as restrições às condições de validade por ele suscitadas. A função poderia ser traduzida inicialmente como ‘eu nego que isto talvez não seja válido’.”

da existência do processo de formação de tais exclamações nas diversas línguas. Assim, foram fornecidos exemplos em três línguas. Os informantes deveriam então dizer se havia construções similares em suas línguas maternas e, se possível, fornecer exemplos. São apresentados exemplos de construções similares em 31 línguas, entre as quais não há exemplos em português, apenas em espanhol, os quais, no entanto, também seriam válidos em português, ou seja, frases como *Quanto não teve que sofrer até conseguiu-lo!*, *Quantas pessoas não enganou na juventude!* Em notas de rodapé são apresentadas e discutidas ainda diversas outras possibilidades para o espanhol.

A explicação para o processo que subjaz a essas expressões estaria no fato de que tais perguntas apresentam apenas *um elemento* como aberto a diversas possibilidades. Por exemplo, em *Quem veio à festa ontem?*, o falante pede ao interlocutor que nomeie, dentre as pessoas que eles conhecem e que possivelmente poderiam ter ido à festa, aquelas que realmente estavam lá. No caso das exclamações, segundo HENTSCHEL, esse elemento é geralmente de natureza qualitativa em relação a um objeto. O falante estaria então tão impressionado com aquela qualidade, que não teria palavras para expressá-la, recorrendo à forma interrogativa para marcar o fato que ele está deixando exatamente aquele ponto em aberto (p.ex.: *Como ela é bonita!* – i.e., *Ela é tão bonita que eu não consigo dizer exatamente o quanto*). Novamente, a negação não se referiria à proposição, mas sim ao modo da sentença, e se restringiria a marcar a “não-interrogatividade” [*Nicht-Interrogativität*] (p. 233) de tais sentenças.

Em uma resenha como esta não há, obviamente, espaço para apresentar e comentar todos os pontos abordados pela autora em seu livro, que é extremamente rico em vários aspectos. Primeiramente, apresenta um panorama detalhado dos conceitos de negação, modo da sentença e interrogação, bem como de diversos temas a eles relacionados. Em segundo lugar, apresenta estudos empíricos consistentes, com análises detalhadas e a apresentação de diversas sugestões inovadoras para a expli-

cação dos resultados obtidos. Em terceiro lugar, apresenta seus objetos de pesquisa claramente delineados e transita com segurança entre os diversos níveis de análise linguística, não se deixando tolher excessivamente por uma teoria única. A autora procura sempre obter explicações voltadas ao todo da comunicação e a processos universais que permitam explicar pontos que permaneceriam inexplicáveis sem levar em consideração conceitos como tema e rema ou facilocução. Traz ainda uma grande riqueza de exemplos elucidativos, bem comentados e, muitas vezes, divertidos. O estilo também é bastante claro (quando não é sobrecarregado por um excesso de citações que, sendo sempre apresentadas no idioma original – geralmente francês ou inglês –, sem comentários explicativos do conteúdo, dificultam a leitura para aqueles que não são fluentes nessas línguas).

Tudo isso faz com que o livro seja uma importante referência para aqueles que se ocupam do estudo tanto da negação quanto da interrogação, principalmente pela iniciativa de apresentar sugestões pouco tradicionais para questões que há tempos intrigam os linguistas. Mesmo que tais sugestões ainda devam ser melhor verificadas (como a da não-existência de *sondern-Negation*) e que eu pessoalmente duvide de algumas (como a afirmação de que a entoação não teria qualquer valor em sentenças interrogativas), creio ser muito importante que se apresentem novas sugestões para questões que claramente não são solucionadas de modo satisfatório pelas abordagens tradicionais.

Selma Martins Meireles, Área de Alemão, USP

Gerd FRITZ & Thomas GLONING (Hgg.). Untersuchungen zur semantischen Entwicklungsgeschichte der Modalverben im Deutschen. Tübingen: Max Niemeyer Verlag 1997 (*Reihe Germanistische Linguistik* 187, x + 455 S., DM 178,00, ISBN 3-484-31187-8)

Dieses Buch behandelt die semantische Entwicklungsgeschichte der deutschen Modalverben. Das Thema stellt einen der Forschungsschwerpunkte der an der Justus-Liebig-Universität Gießen tätigen Herausgeber dar. Hauptziel des Werkes ist die Förderung der Diskussion über Modalverben durch die Behandlung von theoretischen und methodischen Problemen, die trotz zahlreichen Forschungen noch offen sind.

Das Buch enthält, außer dem Vorwort, sechs Beiträge von Gerd FRITZ (zwei Artikel), Rosemarie LÜHR (zwei Artikel), Roswitha FEILICKE und Thomas GLONING (je ein Artikel). Zusammen mit jedem Beitrag werden die Quellen und die Literatur angegeben. Die Literaturangaben des ersten Beitrags sind umfassender als die der übrigen und beinhalten die wichtigsten Werke von allgemeinem Interesse. Im ganzen Buch wird bewußt zwischen zwei Perspektiven hin- und hergewechselt: einer Mikro-perspektive, die Aspekte wie Innovation, Übernahme, Variation und Selektion im Sprachgebrauch von Individuen erforscht, und einer Makro-perspektive, die nach Generalisierungen über den Sprachgebrauch in unterschiedlichen Sprechergemeinschaften sucht. Die Verknüpfung dieser beiden Perspektiven trägt erheblich zur Bereicherung der gesamten Ergebnisse bei.

Im ersten Beitrag behandelt Gerd Fritz unter dem Titel *Historische Semantik der Modalverben. Problemskizze – exemplarische Analysen – Forschungsüberblick* (Seiten 1-157) die Grundlinien der Entwicklungsgeschichte der deutschen Modalverben. Dieser sehr detailreiche Aufsatz wendet sich an Leser, die sich schon früher mit dem Thema